



A detailed black and white engraving of a nude female figure lying on her side, partially covered by a draped fabric. The figure's body is rendered with fine, concentric lines, giving it a textured, almost metallic appearance. A small, dark, irregular mark is visible on her upper left breast. The background is a dark, textured field of fine, parallel lines. The text 'CARTAS PORTUGUESAS' is printed in a serif font across the middle of the image.

CARTAS PORTUGUESAS



3. *Quamvis floriferus sit gratus naribus hortus,
Sepe tamen dulci fel sub odore latet.*

NUNO JÚDICE

EDIÇÃO E PREFÁCIO

cartas portuguesas

*cartas duma
religiosa portuguesa*

TRADUÇÃO DE FILINTO ELÍSIO

*cartas familiares
de uma ilustre desconhecida*

OFERECIDAS AO PÚBLICO POR UM ANÓNIMO



Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Cartas Portuguesas

Cartas Duma Religiosa Portuguesa | Tradução de Filinto Elísio

Cartas Familiares de Uma Ilustre Desconhecida Oferecidas ao Público Por Um Anónimo

Edição e Prefácio: © 2018 Nuno Júdice

© 2018 Sibila Publicações

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Coleção *Coisas Que Ficam*.

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão de texto: N. J., Gilson Lopes

Imagem da capa: *Rolla*, por Henry Gervex (1852-1929). Museu d'Orsay.

Legendas das ilustrações: p.128.

1.ª edição: Setembro de 2018

ISBN: 978-989-99946-7-6

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

E-mail: admin@inespedrosa.com



Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

índice

<i>prefácio</i>	9
<i>nota editorial</i>	20
<i>cartas duma</i>	21
<i>religiosa portuguesa</i>	
<i>carta I</i>	23
<i>carta II</i>	26
<i>carta III</i>	29
<i>carta IV</i>	32
<i>carta V</i>	35
<i>carta VI</i>	38
<i>carta VII</i>	41
<i>cartas portuguesas</i>	45
<i>atribuídas a</i>	
<i>Mariana Alcoforado</i>	
<i>carta VIII</i>	47
<i>carta IX</i>	50
<i>carta X</i>	54
<i>carta XI</i>	58
<i>carta XII</i>	65
<i>cartas familiares</i>	71
<i>carta I</i>	73
<i>carta II</i>	75
<i>carta III</i>	76
<i>carta IV</i>	77
<i>carta V</i>	78
<i>carta VI</i>	79
<i>carta VII</i>	80
<i>carta VIII</i>	81

<i>carta IX</i>	82
<i>carta X</i>	83
<i>carta XI</i>	84
<i>carta XII</i>	85
<i>carta XIII</i>	86
<i>carta XIV</i>	87
<i>carta XV</i>	88
<i>carta XVI</i>	89
<i>carta XVII</i>	90
<i>carta XVIII</i>	91
<i>carta XIX</i>	92
<i>carta XX</i>	93
<i>carta XXI</i>	95
<i>carta XXII</i>	96
<i>carta XXIII</i>	97
<i>carta XXIV</i>	98
<i>carta XXV</i>	99
<i>carta XXVI</i>	101
<i>carta XXVII</i>	102
<i>carta XXVIII</i>	103
<i>carta XXIX</i>	105
<i>carta XXX</i>	106
<i>carta XXXI</i>	107
<i>carta XXXII</i>	108
<i>carta XXXIII</i>	109
<i>carta XXXIV</i>	110
<i>carta XXXV</i>	112
<i>carta XXXVI</i>	113
<i>carta XXXVII</i>	114
<i>carta XXXVIII</i>	116
<i>carta XXXIX</i>	118
<i>carta XL</i>	119
<i>carta XLI</i>	120
<i>carta XLII</i>	121
<i>nota biográfica</i>	123

Um as cartas bem portuguesas

NUNO JÚDICE

Em 1821 é publicado em Lisboa, na Imprensa Nacional, um opúsculo de 55 páginas intitulado *Cartas familiares de uma ilustre desconhecida oferecidas ao público por um anónimo*. O livrinho, com licença da Comissão de Censura, tem ainda uma indicação: «Vende-se na loja de João Nunes Esteves, rua do Ouro, nº 234». Podíamos integrar o livro dentro do capítulo da literatura de cordel onde já temos o caso do «Maria! Não me mates, que sou tua mãe!», publicado em 1848 por Camilo Castelo Branco, mas a sua leitura coloca várias interrogações a partir da indiscutível qualidade literária do texto. Irei tentar responder a algumas delas seguindo o fio de uma investigação em que tudo são indícios que, no fim, apenas apontam num sentido, embora nada haja que possa fundamentar a resposta à pergunta que a cada momento me foi surgindo: Poderá o autor anónimo deste folheto ser o jovem Almeida Garrett?

Antes de entrar nesse capítulo, uma pergunta prévia: quem é na realidade o editor? Embora nos encontremos perante uma edição da Imprensa Nacional, o verdadeiro responsável pela edição é João Nunes Esteves em cuja livraria estavam postas à venda as *Cartas familiares*. Com loja na Rua do Ouro, 234, até 1821, muda-se em 1822 para a Rua dos Correeiros,

144 onde se mantém até à década de trinta, publicando em 1834 um dos seus autores populares, José Daniel Rodrigues da Costa, com a obra *Os enjeitados da fortuna expostos na roda do tempo*. Além de vender sobretudo obras nessa área da literatura de cordel como *Amante militar*, *Amigos rivais*, *As duas desafortunadas*, de publicar livros de agricultura, de cozinha, obras religiosas, panfletos de José de Agostinho de Macedo, também edita textos mais relevantes como as *Poesias* de um infelizmente esquecido Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, cujo diário pícaro se encontra num dos três volumes da segunda impressão de 1806, anterior à que faz Nunes Esteves, ou o *Uruguai* de José Basílio Da Gama, em 1823.

Não é alguém que tenha vivido alheio às vicissitudes dessas décadas do nosso século XIX, marcadas pelas lutas entre constitucionais e miguelistas, e encontra-se no *Diário do Governo* de 1820 uma referência a um João Nunes Esteves, promovido de sargento a Quartel Mestre que bem poderá ser esse livreiro. Se a ligação a José Agostinho de Macedo, antiliberal fanático, ou a Daniel Rodrigues da Costa que mantém uma atitude ambígua nesses anos de lutas civis, poderiam levantar o problema de saber porque motivo o liberal Garrett o escolheria como editor, a resposta é dada no ano seguinte à edição das *Cartas familiares*: é na Impressão de João Nunes Esteves que sai, em 1822, *O Toucador, periódico sem política dedicado às senhoras*, de que o redactor era Almeida Garrett, sendo essa revista de moda escrita pelo próprio Garrett em colaboração com Luís Francisco Midosi, primo de Luísa Midosi com quem o poeta se viria a casar poucos meses depois, em Novembro desse ano.

Importa isto para o que poderá ser o primeiro ponto desse exercício sherlockiano de associar João Nunes Esteves a Garrett. Embora *O Toucador* seja publicado no ano seguinte às *Cartas familiares*, a relação entre autor e editor poderia ser anterior a essa data uma vez que Garrett já estava em Lisboa em 1821, ano em que faz o papel de Bruto na sua tragédia *Catão*, representada no Teatro do Bairro Alto. Embora a sua

vida estivesse ligada até então a Coimbra e ao Porto, o facto de ser já uma personalidade conhecida no meio político e cultural poderá ter sido determinante para encontrar acolhimento favorável por parte do livreiro João Paulo Esteves, a quem teria tido acesso devido a Luís Francisco Midosi ou alguma outra figura do meio cultural lisboeta que lhe tivessem sugerido esse editor lisboeta de livrinhos de cordel. Pode aliás confirmar-se que Garrett era já um autor em busca de afirmação na capital devido ao facto de, nesse mesmo ano de 1821, ter publicado em Lisboa, na tipografia rolandiana, o opúsculo *O dia vinte e quatro de agosto* que assina como «o cidadão J.B.L.A. Garrett». Talvez esse empenhamento do jovem Garrett o tivesse feito retrair de assinar com o seu nome um opúsculo amoroso publicado nesse editor que, no ano anterior, também na Imprensa Nacional, editara um folheto de cordel com a história de Carlos Magno, o que está registado no arquivo da Imprensa Nacional - Casa da Moeda do ano de 1820, tal como no ano seguinte se encontra a nota de encomenda do volume das *Cartas familiares*, feita por João Nunes Esteves, com indicação do tipo de papel e respectivo preço. Infelizmente, nada consta quanto ao nome do autor.

Prosseguindo este caminho, perguntar-se-á o que haverá nestas cartas que nos levem a procurar atribuir a sua autoria a alguém tão relevante para a imposição do gosto romântico como Garrett, que só em 1825 publicará a primeira obra em que esse espírito se manifesta: o poema *Camões*, impresso em Paris onde se exilara em 1823 em fuga ao golpe miguelista que pôs fim ao regime constitucional, e onde publicará também *Dona Branca* no ano seguinte. Em Portugal, só em final da década de trinta surgem outras publicações, como *A harpa do crente* de Herculano, datado de 1838, abrindo o grande período romântico que se situa na década de quarenta, logo após a vitória de D. Pedro em 1834 que põe fim à guerra civil e instaura uma relativa pacificação da vida política em Portugal permitindo que as grandes obras romanescas, poéticas e teatrais destes e outros autores vejam a luz do dia. O que importa



reter, assim, é este atraso de Portugal em relação aos países da Europa onde o Romantismo se manifestara desde inícios do século.

A razão da sua importância é simples: trata-se do primeiro texto literário em que se encontra uma influência visível na nossa língua das *Lettres portugaises*, publicadas em França em 1669, conhecidas mais comumente por *Cartas da religiosa portuguesa*, essa Mariana Alcoforado que se torna um dos grandes mitos da literatura amorosa europeia, deixando a sua marca em poetas como Rilke ou pintores como Matisse. Também anónimas, a polémica sobre a sua autoria não mais se interrompeu, desde os que defendem ser da mão da própria freira a sua escrita, tanto mais que o conde de Guilleragues, seu possível autor, se apresenta como tradutor dessas cartas que lhe teriam chegado às mãos em português. É provável que, na altura em que decidiu traduzi-las, Filinto Elísio não se tivesse preocupado com esta questão bizantina que ocupará muitos espíritos e milhares de páginas do século XIX em diante; mas não queria deixar de referir que Philippe Sollers, que conhece bem o mundo feminino, escreveu na sua edição das *Lettres Portugaises*, que as considera autênticas, porque «nenhum homem – e certamente não o pálido Guilleragues – poderia ir tão longe na descrição da loucura amorosa feminina», chegando a interrogar-se sobre se Mariana Alcoforado teria lido Santa Teresa de Ávila (cf. a sua edição das *Cartas* na editora Elytis, Bordéus, 2009). É uma posição tão insuspeita quanto vem da parte de um escritor natural de Bordéus, como Guilleragues, o que o poderia levar a forçar a nota da autoria deste para valorizar o seu conterrâneo.

Passando por cima destas questões sem solução à vista, o que é surpreendente é vermos que uma obra que suscitou, devido ao seu êxito, inúmeras glosas e imitações desde a sua primeira publicação, não parece ter encontrado em Portugal qualquer eco durante os 150 anos que vão da sua primeira edição, em 1669, até à primeira tradução publicada em 1819 por Filinto Elísio (1734-1819), poeta português exilado em França

desde 1778, quando teve de fugir à Inquisição, não mais tendo voltado à pátria.

A tradução de Filinto, que se encontra no volume x das suas *Obras completas* publicadas em Paris entre 1817 e 1819 na oficina de A. Bobée, concluídas, portanto, no ano da sua morte, é das melhores que conheço, embora a falta de revisão final por parte do poeta, devido à sua avançada idade e doença, tenha deixado passar uma ou outra imprecisão que não prejudica o cuidado que teve em dá-las no seu magnífico português, o que talvez explique o facto de, no índice em que acrescentou «Traduzidas do francês» a outras três obras contidas nesse volume, o não tenha feito em relação às *Cartas*. Razão suplementar para as editar neste volume, tanto mais que Filinto utilizou uma edição em que as cinco *Lettres portugaises* são complementadas por outras sete, apócrifas, mas de todo o interesse novelesco. Foi em 1689 que o editor Claude Barbin, aproveitando o êxito da primeira publicação, as acrescenta às cinco cartas de 1669; e terá sido a partir desta edição «falsificada» que Filinto trabalhou sem pôr em questão a incoerência entre os dois conjuntos. Com efeito, nestas sete cartas iniciais a autora é uma Dama da sociedade lisboeta, frequentando salões onde encontra o Amante que lhe faz ciúmes e a quem ela responde na mesma moeda, justificando-se depois em dolorosas e apaixonadas confissões – tão extremas que o próprio tradutor acrescenta uma curiosíssima nota em que atribui tal excesso de paixão a um «espírito refinado de álcool a 60 graus da quinta essência das finuras da afeição». Conhecendo a lenda boémia a que o associa a canção de taberna «Filinto Elísio, da velha França/ enche-me a pança/ deste sabor! Malditas tripas/ que não comportam/ trinta mil pipas/ deste licor!», não é de surpreender esta exaltação das qualidades afrodisíacas do álcool que o tradutor associa a tão devotada amante.

O que é interessante é verificarmos como se passa deste mundo perfeitamente urbano e sem nada de religioso, para além do uso da igreja como local de troca de olhares amorosos, para as últimas cinco cartas, estas sim pertencentes a Guiller-

gues, todas elas passadas no Mosteiro de Beja. Quase que não notamos a diferença estilística, o que é notável porque, no original francês, as sete primeiras não têm comparação com o notável plano literário das que são atribuídas a Guilleragues. Esta publicação vem, por outro lado, revelar que será nesse mundo profano das primeiras sete cartas apócrifas que se terá inspirado o Autor das *Cartas familiares* que, sendo Garrett, talvez não tenha querido assumir mais tarde a sua paternidade por verificar que não terá conseguido igualar, na sua glosa, o seu Mestre de então.

Não será obviamente de excluir que as *Lettres* tenham sido lidas em Portugal desde a sua primeira publicação, embora o seu conteúdo amoroso e o facto de terem sido escritas por uma religiosa as tenham colocado no Index da Inquisição. Como se sabe, isso não era impedimento à sua divulgação, pelo menos nos meios mais letrados; mas, se a colocação no Index explica que não tenham sido traduzidas durante mais de século e meio desde a sua publicação, torna difícil de entender que não tenha havido qualquer referência ou alusão ao texto por parte da nossa elite cultural nem tenham dado origem a uma literatura epistolar de tipo semelhante. Em termos objectivos, o que terá de se constatar é que, pouco mais de um ano após a tradução das *Lettres* por um autor que gozava de projecção entre nós pela sua característica de exilado e de ter sido familiar de grandes nomes da literatura portuguesa, como a Marquesa de Alorna, e francesa como Lamartine (de quem foi professor de português, e que lhe dedica um poema) encontramos estas *Cartas familiares* que tudo devem ao modelo das *Lettres portugaises* e que são inquestionavelmente uma consequência dessa tradução, seguida em 1825 por uma outra do Morgado de Mateus, dando origem a uma sequência de tradutores ilustres de que se destacam Pinheiro Chagas (1874), Jaime Cortesão (1921), Afonso Lopes Vieira (1941), Eugénio de Andrade (1969) e Pedro Tamen (2000).

Familiar de românticos e convertido à nova doutrina literária, não obstante ter iniciado o seu percurso sob a égide